

Decifrar sinais

economia - Brasil

O desfecho da rodada de revisão da taxa básica de juros, aberta hoje no Comitê de Política Monetária, é esperado com especial atenção por causa dos sinais de debilidade da economia.

É natural que o Banco Central seja conservador e se mantenha firme na sua principal missão: a de guardião do poder aquisitivo da moeda. É assim em qualquer país organizado e estável do mundo. Isso não significa, contudo, que o BC possa abdicar da preocupação com o quadro da economia como um todo. Ao manter os juros em 18,5% na reunião do mês passado, o Copom foi sensível ao aquecimento da inflação deflagrada pelos combustíveis e ajudado por tarifas de serviços públicos. A sinalização preocupante vinha do quadro interno da economia, enquanto o front externo se mantinha — e se mantém — relativamente calmo.

O contágio pela crise argentina está descartado — pelo menos uma contaminação de grandes proporções — enquanto o fluxo de investimentos externos diretos, somado às captações feitas pelo setor público, justificam a tranquilidade com que a equipe econômica encara o financiamento do déficit em conta corrente (transações com mercadorias e serviços) este ano.

O cenário ganhou, no entanto,

alguns novos coadjuvantes. Um deles é a confirmação da debilidade do atual ritmo de evolução da economia. Primeiro, o IBGE divulgou o PIB do último trimestre do ano passado com uma retração de 0,69% em relação ao período de três meses anteriores, queda maior que a projetada pelos analistas.

A tendência de desaquecimento foi confirmada, posteriormente, por um encolhimento de 0,8% na produção industrial de março e ratificada por números, também negativos, da Federação do Comércio de São Paulo, referentes àquele mesmo mês. Estatísticas como essas são importante argumento a favor de mais um corte nos juros. Elas ganham reforço de peso com a confirmação da perda de fôlego daquela pressão inflacionária. E os preços dos alimentos continuam ajudando.

Se a conjuntura eleitoral for analisada pelo Comitê, deverá sê-lo pelos impactos que pesquisas têm provocado nos mercados financeiros, fatos meramente conjunturais. O que sempre é importante levar em conta — e tem sido assim — é o equilíbrio da economia. E nesse aspecto as atas das reuniões do Copom são interessante material de estudo para candidatos a presidente que acreditam que baixar juros é mero ato de vontade do governante do momento.